

Recensões críticas académicas: científicas e literárias (metanálise)

Introdução

Embora atualmente se possam encontrar muitos manuais dedicados à elaboração de trabalhos académicos, a verdade é que as recensões, por um lado, têm sido esquecidas por parte dessa bibliografia e, por outro, quando nela existe alguma referência, estas centram-se mais na apresentação do que no conteúdo. Além disso, os artigos que se encontram disponíveis na rede são muito genéricos e pouco ajudam quem se quer abalançar a fazer uma recensão crítica.

Este artigo visa colmatar essa lacuna. Aqui ficam algumas notas para facilitar a vida dos que alguma vez tenham de elaborar este tipo de trabalho. Em todo o caso, continua a ser uma prática útil e produtiva a leitura de muitas recensões, algumas das quais poderão ser tomadas como modelos.

O que é uma recensão crítica académica

Segundo José Pedro Machado, “recensão” deriva do latim (re+) *censu* que é uma lista ou enumeração. Já a origem do vocábulo “crítica”, é grega: de *kritikos* ou de «*hē kritikē* que significa a arte de julgar, falando particularmente de obras de espírito» (1990: vol. V) Na verdade, nem todas as recensões são críticas, nem todas as recensões críticas são académicas. Há as recensões simplesmente assim nomeadas, porquanto servem “apenas” para divulgação de uma obra e não incluem juízos de valor sobre ela e há ainda as chamadas recensões críticas que, geralmente, são literárias, quase sempre textos jornalísticos e estas sim, são de apreciação (crítica) estético-literária.

Ora, uma recensão crítica académica é, obviamente, um texto académico, sujeito, portanto, a algumas regras, mas que visa recensear, ou seja, dar conta, e criticar, isto é, avaliar o sentido, o interesse e a qualidade de um texto de carácter científico. Logo, é simultaneamente um texto informativo (recensão) e interpretativo (crítica). Dito de outra maneira, uma recensão crítica implica: a identificação, o resumo e o juízo de valor do trabalho em apreciação.

Claro que nem todas as recensões dizem respeito ao registo escrito, pois também há recensões críticas de manifestações culturais: filmes, peças de teatro, exposições, etc.. Mas estas só serão solicitadas como trabalhos académicos em algumas academias de artes e envolvem características específicas que não abordaremos aqui.

Desde logo, como estudantes, a recensão crítica de uma obra permite conhecer o texto e as ideias aí expressas, fornecer dados para as nossas pesquisas e avaliar o seu

interesse e relevância para o conhecimento de uma determinada matéria. Com alguma experiência, consegue fazer-se esse trabalho até mesmo de forma implícita, de cada vez que se lê um livro ou um artigo para estudo ou pesquisa. Logo, dominar a técnica de elaboração das recensões permite avaliar com perspicácia e rapidez qualquer artigo/livro. Convém sempre, sobretudo quando se busca informação na rede, saber quem elaborou o que se lê (que outras obras publicou, qual a sua afiliação institucional,...) e em que contexto o fez, para se poder decidir se vale a pena investir na sua leitura (ou não) e poder avaliar a qualidade ou a novidade dessa informação.

Pode ainda ser uma mais-valia para a comunidade académica se se der a conhecer, não só a obra visada, muitas vezes em primeira mão, mas também novas maneiras de a ler, se é que ela já foi objeto de outras interpretações. É também uma prática reflexiva muito útil (de autocrítica), quando se quer redigir artigos ou escrever um livro.

No entanto, o seu papel não está limitado ao uso pessoal do estudante ou investigador. Em qualquer fase do percurso académico, ela poderá constituir um elemento de avaliação de uma disciplina ou ser enviada para uma revista ou até mesmo servir como apresentação/lançamento de uma obra, desde que tenhamos em conta determinados princípios.

Como se prepara

A preparação de qualquer recensão começa pela observação minuciosa do livro/objeto (ou análise externa), a que se segue a sua leitura. Nesta fase, os paratextos (capa, contracapa, badanas, introduções próprias ou alheias, prefácios ou posfácios) serão muito úteis, pois permitem conhecer, desde logo, o(s) autor(es), as intenções da obra, a(s) área(s) de conhecimento em que ela se inscreve e os contextos da publicação. Às vezes, os próprios livros inserem críticas relevantes. Outro elemento útil é o índice, já que ele desvenda a organização da obra e proporciona o acesso a todos os seus conteúdos. Se se trata de um artigo, esta análise não se aplica, mas as seguintes são na mesma válidas. A verificação da bibliografia é também importante, pois permite inferir uma avaliação da atualidade e da profundidade do trabalho.

Concomitantemente, dever-se-á procurar mais informação sobre o autor, a obra, a temática..., para ter uma ideia mais clara da validade do que se vai ler. Feita a análise externa, chega-se à análise interna que começa propriamente com a leitura do texto. Não se deve ter a pretensão de abarcar o seu sentido global com uma única leitura. Tal como se faz no estudo de qualquer matéria, é importante fazer uma primeira abordagem ao texto, a que se pode chamar de pré-leitura. Ela dará acesso à estrutura geral da obra, ao interesse do conteúdo, à identificação do seu sentido global. Esta leitura prévia abrirá as portas a uma leitura em profundidade, que será também uma leitura crítica. Para ser mais eficaz, deverá ser acompanhada, (se se trabalha com suporte papel) por sublinhados. Em qualquer caso, é sempre útil a recolha de apontamentos, que registarão

as ideias que se afigurem fundamentais, as dúvidas ou pontos a esclarecer, as críticas que pareçam pertinentes. Por vezes, torna-se vantajosa uma pós-leitura pontual para esclarecer e dar resposta às dúvidas que se levantaram. Durante este processo, poderá ser útil recorrer a um bom dicionário, se possível especializado, para aclarar o sentido específico da terminologia utilizada.

O facto de se sublinhar o texto é já o primeiro passo em direção à sua compreensão, pois permite distinguir o essencial do acessório. Pode ser aliado ao registo de notas à margem do texto (ou num caderno) e acompanhado por setas, números, parênteses, que ajudem a clarificar o conteúdo da obra. Quando se tiram apontamentos, estes deverão mostrar as ideias que se afiguram fundamentais, as dúvidas ou pontos a clarificar, as críticas que pareçam pertinentes. Seguidamente dever-se-á coligir, sintetizar e ordenar as ideias registadas. Além disso, será útil fazer o resumo da obra.

Depois destas operações, já é possível avaliar o conteúdo da obra em si, a coerência diante dos objetivos a que ela se propunha, os seus pontos fracos e os pontos fortes.

Claro que avaliar criticamente uma obra implica mobilizar algumas técnicas. Assim, depois desta fase, o leitor já estará perfeitamente apto a identificar o autor, a obra, a estrutura e o conteúdo, de acordo com os passos seguintes:

1. Identificação completa da obra (se for um artigo, identificar a fonte): título, autor, editora, ano e local de publicação, ISBN (para os livros) ou ISSN (para as revistas), número de páginas;
2. Dados biográficos do autor (incluindo, nacionalidade – que às vezes é relevante – e formação académica, bibliografia e áreas de investigação). Se se tratar de uma tradução, deve indicar o nome do tradutor também (comum a livros e artigos);
3. Breve resumo do conteúdo para dar uma panorâmica geral da obra. Deve ter-se em conta os elementos que o destinatário da recensão necessitará para poder acompanhar as informações que se darão em seguida, pelo que deverá ainda evidenciar-se a área do conhecimento, o tema, as ideias principais (comum a livros e artigos);
4. Estrutura da obra (só para teses e livros), destacando as partes ou capítulos mais relevantes ou mais originais.

No fundo, o que o leitor/crítico fez foi uma leitura ativa do texto. Se este trabalho não se destina apenas ao estudo, se necessita de elaborar por escrito a sua recensão, terá de ser mais exaustivo, pois terá então de referir quais os argumentos utilizados na abordagem do tema, o grau de profundidade dessa abordagem, apresentando a tese do autor, evidenciando a sua perspetiva sobre a temática que explora. Só assim se ficará a saber qual é o objetivo do autor, a orientação ideológica, a articulação das ideias ao longo da obra e o interesse dos critérios seguidos. Na conclusão, deve dizer-se quais os pontos fracos e pontos fortes.

A parte mais difícil será a avaliação da qualidade do que leu, já que é necessário fundamentar as opiniões e isso implica a compreensão e um certo domínio da temática em análise. É importante manter-se sempre assertivo e objetivo, mas também ser delicado na forma como se apresentam as discordâncias. Mas é precisamente a inclusão deste ponto que torna verdadeiro o adjetivo “crítica” no sintagma recensão crítica. Conseguirá levar a cabo essa tarefa se se interrogar sobre qual a intenção do autor ao escrever a obra e se logrou alcançá-la. Claro que estas tarefas exigem perspicácia e acuidade, sob pena de transformar a recensão num texto anódino.

Podem acrescentar-se referências às dificuldades encontradas na leitura, se for caso disso, seja pela complexidade do tema, seja pela dificuldade da linguagem (por exemplo, pelo uso excessivo de termos técnicos). Outras indicações úteis poderão ser a da facilidade ou dificuldade em aceder à obra (porque não há traduções, porque a edição se esgotou...) e a indicação do público-alvo (estudantes, especialistas, público em geral).

Em todo o caso, estamos perante uma crítica que é sobretudo interna, já que avalia o conteúdo da obra em si. Mas o investigador poderá/deverá ir mais além na sua análise. Terá ainda de dar conta dos termos teóricos principais que o autor utiliza, para os poder confrontar com outros autores. Terá também de examinar a orientação ideológica e as possíveis influências. Estamos agora perante a crítica externa que obriga à contextualização do autor e da obra em questão num quadro referencial e científico mais vasto, evidenciando o seu contributo para o estudo da temática em análise. Este exercício proporciona uma noção clara do que se leu e uma avaliação cabal da qualidade, da pertinência e da correção do artigo. Para isso, teremos de mostrar as falhas, as lacunas e as virtudes e de fazer comparações com outros autores, examinando as possíveis influências seguidas. Uma abordagem deste tipo pressupõe conhecimentos sobre a temática, e todo um trabalho de reflexão e leituras prévias.

É importante lembrar que o investigador pode fazer com que a sua recensão crítica seja um precioso auxiliar para o avanço da ciência, se lograr apresentar correções, novas ideias ou sugestões para o assunto em apreço. Obviamente que um estudante, mesmo de mestrado ou doutoramento, terá mais dificuldades em ajuizar da novidade ou até da cientificidade do que leu do que um professor/investigador, pelo que a sua crítica terá de ser necessariamente mais contida.

Recensões literárias e recensões científicas

É ainda necessário considerar dois tipos de obras que poderão ser objeto de recensão crítica académica: as literárias e as científicas.

As obras literárias, em princípio, serão mais fáceis de analisar, na medida em que qualquer estudante do ensino secundário foi treinando algumas das técnicas necessárias a esse trabalho, ao longo do seu percurso académico. Por isso, ser-lhe-á acessível

falar do autor, do(s) narrador(es), das personagens, dos ambientes, do tempo, dos principais acontecimentos, bem como das relações estabelecidas entre esses elementos. Qualquer aluno do secundário estará habituado a fazer resumos da narrativa, enquadrando os elementos anteriores. Também não será novidade para ele a inclusão da obra no movimento literário respetivo. O salto para transformar esta identificação da obra numa recensão crítica, será precisamente relacionar as características desse movimento com a forma como ele é refletido na obra para, finalmente, falar sobre linguagem, valor e estilo do autor. Ou seja, parte-se da recensão para se chegar à crítica.

Já as recensões científicas, porque nunca foram treinadas antes, serão um pouco mais difíceis de elaborar. Para além das regras já expostas atrás, será ainda necessário distinguir os artigos, publicados em revistas ou em livros de atas, das obras completas.

1. No primeiro caso (artigo), deverá partir-se da avaliação do prestígio da revista em que ele está inserido ou, se for uma ata, da instituição que promoveu o acontecimento (colóquio, congresso...) e que editou o livro das atas, mas também pesquisar informações sobre o autor e a instituição a que ele pertence.

2. Se por acaso for uma tese (de mestrado ou doutoramento) é muito importante saber também qual a instituição em que o grau foi obtido, quem orientou e/ou quem fazia parte do júri.

Casos Especiais

Contudo, nem todas as obras têm um grau de abordagem igual. Não raras vezes, o investigador depara-se com algumas questões mais difíceis de resolver, sobretudo quando surgem alguns tipos de livros mais complicados de analisar, como é o caso de:

1. Livros com artigos de vários autores sobre um tema;
2. Livros de vários autores sobre diversos temas;
3. Livros com várias tipologias de textos do mesmo ou de vários autores.

Obviamente que para situações diferentes se impõem abordagens diferentes.

1. Assim, no primeiro caso (livros com artigos de vários autores sobre um tema) impõe-se a identificação dos autores de cada um dos capítulos da obra. Claro que teremos de incluir um breve resumo de cada contributo, referindo quais as formas individuais de abordagem da temática por parte de cada autor. Só então se poderá fazer a análise crítica comparativa interna. A externa dificilmente terá lugar aqui, pois isso implicaria um texto muito longo.

2. Se, por acaso se trata de uma obra de vários autores sobre temáticas diferentes, devemos, como é óbvio, no caso de não dominarmos a temática de um ou vários artigos, abstermo-nos de os criticar, devemos apenas mencioná-los, mas não estamos isentos de os ler. Teremos de proceder à identificação dos autores de cada uma das

partes da obra, de fazer um breve resumo de cada parte, de referir as formas individuais de abordagem. Em todo o caso, deveremos procurar encontrar um ponto de ligação, uma lógica, entre todos os capítulos (daí a leitura de todas as temáticas).

3. Mais complicado é quando nos deparamos com um livro constituído por várias tipologias/géneros de textos. É caso para perguntar: «Quantos textos convivem num texto? De quantos laços se tece uma obra?», como fez a Professora Isabel Almeida (2021: 245). Esses textos são geralmente da autoria de diversos colaboradores, mas nem sempre. Pode acontecer serem todos do mesmo autor. Nesse caso, para além das atividades já descritas, deveremos ainda identificar os vários géneros e tentar encontrar uma explicação interna para a diversidade encontrada.

Elaboração

Na fase de elaboração escrita da recensão, é importante registar que o texto seja conciso (manter-se entre as 2 e as 4 páginas, dependendo das normas da revista onde pretende publicar), primeiro, porque não é um ensaio sobre a obra, segundo, para não desmotivar o destinatário. Deve usar-se sempre um discurso claro, rigoroso e impessoal, daí que se torne mais fácil usar a terceira pessoa. Obviamente que o crítico não pode fazer a sua análise, imbuído de preconceitos, pois isso poderá comprometer a sua objetividade. Não se deve esquecer que este é um género de escrita formal, pelo que não serão admissíveis coloquialismos, informalidades ou incorreções gramaticais.

Obviamente que a leitura terá de ser profunda para que não se traia o pensamento do autor. Pode e deve ainda recorrer-se a citações de fragmentos da obra para fundamentar juízos críticos, desde que comedidas e relevantes.

Regra geral, a elaboração de uma recensão crítica académica respeita o modelo dos textos argumentativos/dissertativos, o que quer dizer que irá ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Da introdução constarão as informações respeitantes ao autor, à identificação da obra e do tema. Do desenvolvimento constarão as informações respeitantes à forma como a matéria é abordada na obra e todas as considerações que forem tecidas sobre ela. Na realidade, esta é verdadeiramente a parte de análise do livro/artigo.

Na conclusão, mostrar-se-á se o autor conseguiu, efetivamente, atingir o objetivo a que se propunha; se a obra tem qualidade científica suficiente para ser recomendada a sua leitura ou até mesmo para figurar numa lista bibliográfica sobre a temática. Isto não quer dizer que a recensão tenha de incluir esses títulos ou divisões na fase da sua elaboração, mas apenas que eles devem estar presentes no texto.

Obviamente que o trabalho terá de ir assinado, não esquecendo o recenseur de indicar a sua afiliação institucional.

Apresentação

A apresentação estará dependente da finalidade da escrita. Se é para publicação, deverá obedecer às normas da revista científica. Recomenda-se que não exceda as 3500 palavras ou os 25000 caracteres, tudo dependendo das normas estipuladas da revista onde se submete para publicação. Se for um trabalho escolar, deverá seguir a regras dos outros trabalhos escolares da instituição, logo, deverá incluir uma capa, com identificação da instituição e do aluno, tema do trabalho, etc., e uma contracapa em branco.

Conclusão

Embora possa parecer um exercício complicado, recensionar textos é uma operação muito profícua: por um lado, obriga-nos à leitura atenta da obra; por outro, desenvolve o nosso espírito crítico e proporciona-nos uma melhor compreensão e retenção da matéria. A sua prática permite uma apreensão mais rápida e profunda de qualquer artigo ou livro que tenhamos de ler. Na elaboração de uma recensão importa ter em conta alguns aspetos fundamentais e que revelam atributos essenciais do recensor, para uma leitura e reflexão crítica de qualquer obra: rigor, objetividade, imparcialidade, clareza, evidência e também delicadeza.

Pode ainda mobilizar-se esses conhecimentos para se perceber se vale ou não a pena investir na leitura e análise de um artigo ou livro. Isso é muito importante, sobretudo quando se recorre à rede para informação, estudo ou elaboração de trabalhos.

Referências Bibliográficas

- Almeida, I. (2021). «A cultura literária na corte de D. Manuel», in *Arte no tempo de D. Manuel I*. Museu Nacional de Arte Antiga.
- Machado, J. P. (1990). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Livros Horizonte, vol. V.

Anabela Freitas

Doutoramento em Estudos Culturais
Professora Adjunta (ESEL-IPLUSO)
Email: anabelabritofreitas@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5684-8460>

Hélia Bracons

Doutoramento em Serviço Social
Diretora da Licenciatura em Serviço Social
Professora Associada (Instituto de Serviço Social da FCSEA)
Email: helia.bracons@ulusofona.pt
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5363-4897>